



GT 37. Estudos em contextos do Sul Global: novos inimigos, novas possibilidades e a (in)sustentabilidade das perspectivas e das redes Sul-Sul

Coordenador(es):

Lívio Sansone (UFBA - Universidade Federal da Bahia)

Luena Nascimento Nunes Pereira (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

O campo dos estudos em outras regiões do Sul Global já faz aproximadamente 20 anos no Brasil. O momento é, pois, maduro para uma avaliação deste campo de pesquisa, que tem atraído um conjunto de pesquisadores e questões que se manifestam em projetos de pesquisa, publicações e seminários e gerado um acúmulo de reflexões sobre as várias regiões do Sul Global (África, Ásia, Caribe, América Central e Meridional), desenvolvendo novas perspectivas comparativas e transnacionais e contribuindo para a internacionalização da pós-graduação em ciências humanas. Apesar da abertura de novas oportunidades de pesquisa e redes enfrentamos novos obstáculos proporcionados pela atual era dos extremos, que identifica a perspectiva Sul-Sul com um conjunto de políticas sociais progressistas. Tal cenário torna cada vez mais premente a importância de um diálogo qualificado sobre perspectivas, oportunidades, limites e desafios de um campo que passa a tomar expressão na antropologia feita no Brasil. O GT tem por objetivo reunir trabalhos desenvolvidos nos contextos acima mencionados promovendo a continuidade de um diálogo qualificado sobre pesquisas antropológicas. Apesar da ênfase na pesquisa etnográfica, o GT está aberto à interdisciplinaridade, pela importância do diálogo com historiadores e outros pesquisadores nas ciências humanas. Com esse objetivo, convidamos pesquisadores que abordem temáticas diversas que respondam aos inúmeros desafios da pesquisa sobre e estes contextos.

Possibilidades, usos e desafios da produção de conhecimento no sul sobre o fazer democrático

Autoria: Mayane Pereira Dore (Complutense)

O discurso científico foi historicamente dominado pela produção do norte global, silenciando, em contrapartida, múltiplas formas de interpretação do mundo. A partir dessa percepção, as epistemologias e ontologias do sul, enquanto área de estudo, denunciam como a construção da objetividade, verdade e universalidade, a partir das experiências do norte, operam como deslegitimadoras da capacidade de produção de conhecimento em outras regiões do mundo. Um exemplo relevante desse processo foi a criação de novas gramáticas para a compreensão e prática democrática em países como Bolívia e Equador, mas também Brasil em décadas anteriores. Apesar das diferenças entre os processos políticos de cada país, é possível identificar um traço comum em cada caso, que pode ser lido como a produção de pensamentos contra-hegemônicos sobre a democracia. Os atores que questionaram tais pensamentos hegemônicos? como no caso da democracia participativo no período de redemocratização Brasil, do estado plurinacional na Bolívia, ou da chamada democracia intercultural? desafiaram uma identidade atribuída por um Estado colonial, disputando uma gramática de exclusão e expandindo os horizontes democráticos. Tais processos resultaram em importantes contribuições para as ciências sociais, levantando, em especial, novas questões antropológicas sobre o fazer político. Esse ensaio busca contribuir para a avaliação deste campo de pesquisa, analisando as principais contribuições da região para o pensamento democrático nas décadas recentes. O objetivo deste balanço será discutir as possibilidades, limites e desafios do uso dessa produção em perspectivas comparativas para além do sul, expandindo-se para o norte global. Parto para isso do meu atual



work etnográfico em Sydney, Austrália, para refletir sobre as possibilidades de uso das críticas e análises produzidas no sul sobre processos democráticos para pensar, e repensar, a democracia representativa e liberal do norte global.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: